



ARISTIDES DE SOUSA MENDES

Um herói que parece continuar esquecido nos livros de História

Por Carmo Vasconcelos



Vi há dias a notícia de que este Grande Português, foi homenageado numa emocionante cerimónia na embaixada de Paris. Portuguesa que sou, e cuja infância coincidiu com o princípio e o fim da 2ª Guerra Mundial, recordo-me, vagamente, de ouvir falar dele à boca pequena, que a mais não era permitido pelo então regime Salazarista. Hoje, memória avivada, não resisto, a falar-vos deste homem, modelo de elevado altruísmo, que, mesmo sabendo incorrer em grandes riscos, não hesitou em desobedecer às ordens superiores, para seguir a voz da sua consciência. (Carmo Vasconcelos)

Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches, foi um diplomata português. Nascido em Cabanas de Viriato (distrito de Viseu) a 19 de Julho de 1885, foi Cônsul de Portugal em Bordéus no ano da invasão da França pela Alemanha Nazi na Segunda Guerra Mundial. Sousa Mendes desafiou ordens expressas do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, António de Oliveira Salazar, (cargo ocupado em acumulação com a chefia do Governo) e concedeu 30 mil vistos de entrada em Portugal a refugiados de todas as nacionalidades que desejavam fugir da França em 1940. Aristides de Sousa Mendes salvou dezenas de milhares de pessoas do Holocausto. Chamado de "o Schindler português", Sousa Mendes também teve a sua lista e salvou a vida de milhares de pessoas, das quais cerca de 10 mil judeus.

Aristides pertenceu a uma família aristocrática rural, católica, conservadora e monárquica - (ele também católico e monárquico). Seu pai era membro do supremo tribunal. Pelo lado familiar "Sousa", descendente de Madragana Ben-Bekar (de quem houve filhos El-Rei D. Afonso III). Esta Senhora pertencia à Comunidade Judaica de Faro, cuja ascendência provinha do próprio Rei David de Israel.

Aristides instala-se em Lisboa em 1907 após a licenciatura em Direito pela Universidade de Coimbra, tal como o seu irmão gémeo. Ambos enveredaram pela carreira diplomática. Em 1909 nasceu seu primogénito, tendo ao todo 14

filhos com sua mulher Angelina.

Aristides ocupou diversas delegações consulares portuguesas pelo mundo fora, entre elas: Zanzíbar, Brasil, Estados Unidos da América.

Em 1929 é nomeado Cônsul-geral em Antuérpia, cargo que ocupa até 1938. O seu empenho na promoção da imagem de Portugal não passa despercebido. É condecorado por duas vezes por Leopoldo III, rei da Bélgica, tendo-o feito oficial da Ordem de Leopoldo e comendador da Ordem da Coroa, a mais alta condecoração belga. Durante o período em que viveu na Bélgica, conviveu com personalidades ilustres, como o escritor Maurice Maeterlinck, Prémio Nobel da Literatura, e o cientista Albert Einstein, Prémio Nobel da Física.

Depois de quase dez anos de serviço na Bélgica, Salazar, presidente do Conselho de Ministros e ministro dos negócios estrangeiros, nomeia Sousa Mendes cônsul em Bordéus, França.

Aristides de Sousa Mendes permanece ainda cônsul de Bordéus quando tem início a Segunda Guerra Mundial, e as tropas de Adolf Hitler avançam rapidamente sobre a França. Salazar manteve a neutralidade de Portugal.

Pela Circular 14, Salazar ordena aos cônsules portugueses espalhados pelo mundo que recusem conferir vistos às seguintes categorias de pessoas: "estrangeiros de nacionalidade indefinida, contestada ou em litígio; os apátridas; os judeus, quer tenham sido expulsos do seu país de origem ou do país de onde são cidadãos".

Entretanto, em 1940, o governo francês refugiou-se temporariamente na cidade, fugindo de Paris antes da chegada das tropas alemãs. Milhares de refugiados que fogem do avanço Nazi dirigiram-se a Bordéus. Muitos deles afluem ao consulado português desejando obter um visto de entrada para Portugal ou para os Estados Unidos, onde Sousa Mendes, o cônsul, caso seguisse as instruções do seu governo, distribuiria vistos com parcimónia.

Já no final de 1939, Sousa Mendes tinha desobedecido às instruções do seu governo e emitido alguns vistos. Entre as pessoas que ele tinha então decidido ajudar encontrava-se o Rabino de Antuérpia, Jacob Kruger, que lhe faz compreender que há que salvar os refugiados judeus.

A 16 de Junho de 1940, Aristides decide conceder visto a todos os que o pedissem: "A partir de agora, darei vistos a toda a gente, já não há nacionalidades, raça ou religião". Com a ajuda dos seus filhos e sobrinhos e do rabino Kruger, ele carimba passaportes, assina vistos, usando todas as folhas de papel disponíveis.

Confrontado com os primeiros avisos de Lisboa, ele terá dito: "Se há que desobedecer, prefiro que seja a uma ordem dos homens do que a uma ordem de Deus".

Uma vez que Salazar tomara medidas contra o cônsul, Aristides continuou a sua actividade de 20 a 23 de Junho, em Baiona (França), no escritório de um vice-cônsul estupefacto, e mesmo na presença de dois outros funcionários de Salazar. A 22 de Junho de 1940, a França pediu um armistício à Alemanha Nazi. Mesmo a caminho de Hendaye, Aristides continua a emitir vistos para os refugiados que cruzam com ele a caminho da fronteira, uma vez que a 23 de Junho, Salazar demitia-o de suas funções de cônsul.

Apesar de terem sido enviados funcionários para trazer Aristides, este lidera, com a sua viatura, uma coluna de veículos de refugiados e guia-os em direcção à fronteira, onde, do lado espanhol, não existem telefones. Por isso mesmo, os guardas fronteiriços não tinham sido ainda avisados da decisão de Madrid de fechar as fronteiras com a França. Sousa Mendes impressiona os guardas aduaneiros, que acabariam por deixar passar todos os refugiados, que, com os seus vistos, puderam continuar viagem até Portugal.

O seu castigo no Portugal de Salazar

A 8 de Julho de 1940, Aristides, de volta a Portugal, será punido pelo governo de Salazar, que priva o diplomata de suas funções por um ano, diminuindo em metade o seu salário, antes de o enviar para a reforma. Para além disso, Sousa Mendes perde o direito de exercer a profissão de advogado. A sua licença de condução, emitida no estrangeiro, também lhe é retirada.

O cônsul demitido e sua família, bastante numerosa, sobrevivem graças à solidariedade da comunidade judaica de Lisboa, que facilitou a alguns dos seus filhos os estudos nos Estados Unidos. Dois dos seus filhos participaram no Desembarque da Normandia.

Ele frequentou, juntamente com os seus familiares, a cantina da assistência judaica internacional, onde causou impressão pelas suas ricas vestimentas e

sua presença. Certo dia, teve de confirmar: "Nós também, nós somos refugiados".

Em 1945, Salazar felicitou-o por Portugal ter ajudado os refugiados, recusando-se no entanto a reintegrar Sousa Mendes no corpo diplomático.

A sua miséria será ainda maior: venda dos bens, morte de sua esposa em 1948, emigração dos seus filhos, com uma excepção. Após a morte da mulher, Aristides de Sousa Mendes viveu com uma amante francesa que, segundo testemunhos da época, muito contribuiu para a sua miséria.

Aristides de Sousa Mendes faleceu muito pobre, a 3 de Abril de 1954, no hospital dos franciscanos em Lisboa. Não possuindo um fato próprio, foi enterrado com um hábito franciscano.

Reconhecimento

Em 1966, o Memorial de Yad Vashem (Memorial do Holocausto situado em Jerusalém) em Israel, presta-lhe homenagem atribuindo-lhe o título de "Justo entre as nações". Já em 1961, haviam sido plantadas vinte árvores em sua memória nos terrenos do Museu Yad Vashem.

Em 1987, dezassete anos após a morte de Salazar, a República Portuguesa inicia o processo de reabilitação de Aristides de Sousa Mendes, condecorando-o com a Ordem da Liberdade e a sua família recebe as desculpas públicas.

Em 1994, o presidente português Mário Soares desvela um busto em homenagem a Aristides de Sousa Mendes, bem como uma placa comemorativa na Rua 14 quai Louis-XVIII, o endereço do consulado de Portugal em Bordéus em 1940.

Em 1995, a Associação Sindical dos Diplomatas Portugueses (ASDP) cria um prémio anual com o seu nome.

Em 1996, o grupo de escuteiros de Esgueira (Aveiro) homenageou-o criando o CLÃ 25 ASM (Aristides de Sousa Mendes)

Em 1998, a República Portuguesa, na prossecução do processo de reabilitação oficial da memória de Aristides de Sousa Mendes, condecora-o com a Cruz de Mérito a título póstumo, pelas suas acções em Bordéus.

Em 2005, na Grande Sala da Unesco em Paris, o barítono Jorge Chamíné organiza uma Homenagem a Aristides de Sousa Mendes, realizando dois Concertos para a Paz, integrados nas comemorações dos 60 anos da Unesco.

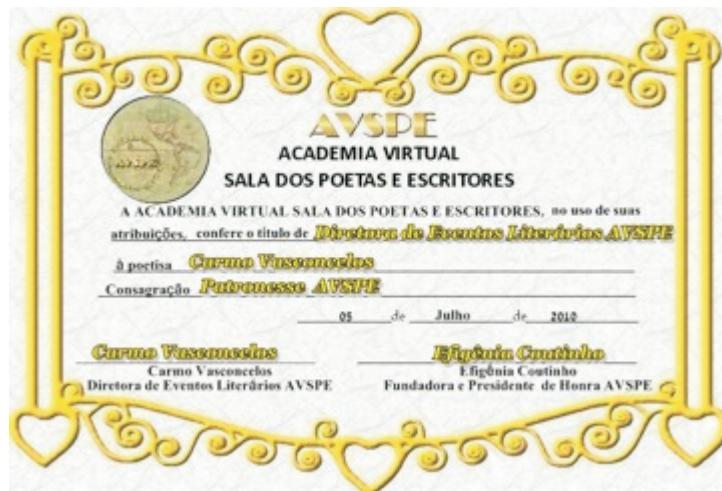
Em 2006 foi realizada uma acção de sensibilização: "Reconstruir a Casa do Cônsul Aristides de Sousa Mendes", na sua antiga casa em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, e na Quinta de Crestelo, Seia - São Romão.

Em 2007, um programa televisivo da RTP1, "Os Grandes Portugueses", promoveu a escolha dos dez maiores portugueses de todos os tempos. Sousa Mendes foi o terceiro mais votado. Ironicamente, o primeiro lugar foi atribuído a Salazar, e o segundo lugar a Álvaro Cunhal.

Em 2007 o barítono Jorge Chamíné realizou dois concertos de homenagem a Aristides de Sousa Mendes, em Baiona e em Bordéus.

Em Viena, Áustria, no Vienna International Center, onde estão sediados diversos organismos da ONU, como a Agência Internacional de Energia Atómica, existe um grande passeio pedonal com o nome do ex-diplomata português, denominado Aristides de Sousa Mendes Promenade.

Pesquisa e composição de Carmo Vasconcelos (fontes: Biblioteca da autora e wikipédia)



Carmo Vasconcelos

foi nomeada Directora de Eventos Literários
da Academia Virtual Sala de Poetas e Escritores
(AVSPE)

<http://www.avspe.eti.br/poetas/carmo.htm>

A revista eisFluências, apresenta à
digníssima poeta e escritora portuguesa
os nossos parabéns

FICHA TÉCNICA

Director

Victor Jerónimo
(Portugal/Brasil)

Directora Cultural

Carmo Vasconcelos
(Portugal)

Responsável pela Redacção

Mercêdes Pordeus (Brasil)

Design Gráfico e Composição

Victor Jerónimo

Blogue

<http://eisfluencias.wordpress.com>

Conselho de Redacção

Abilio Pacheco (Brasil)
Humberto Rodrigues Neto (Brasil)
Luiz Gilberto de Barros (Brasil)
Marco Bastos (Brasil)
Maria Ivone Vairinho (Portugal)
Rosa Pena (Brasil)

Correspondentes

Alemanha - António da Cunha Duarte
Justo
Argentina - María Cristina Garay
Andrade
Bielorrússia - Oleg Almeida
Brasil - Elizabeth Misciasci

Revista de eventos, actualidades,
notícias culturais, político/sociais, e
outras, mas sempre virada à diretriz
cultural, nas suas várias facetas.

Propriedade de
Mercêdes Batista Pordeus Barroqueiro
Recife/PE/Brasil

Tiragem: 100 ex
Distribuição Gratuita

Divulgação via internet

Depósito legal
LEI DO DEPÓSITO LEGAL LEI N° 10.994, DE 14 DE
DEZEMBRO DE 2004
Biblioteca Nacional
Brasil

Contacto

eisfluencias@gmail.com

TUDO SE ENCAIXA

Humberto Rodrigues Neto

Conforme cita o espírito Rochester, no livro "Herculanum", psicografado por Wera Krikanowski, o soldado romano Quirilius Cornelius fora deslocado da Gália para servir em Jerusalém, onde ficou vivamente impressionado com as descrições sobre os ensinamentos e as curas de Jesus. Resolveu, então, ir visitá-lo no cárcere, onde o encontrou em prece fervorosa.

Comoveu-se ao ver-lhe a face esquálida, os olhos fundos e macerados, e o corpo extremamente debilitado pelos sofrimentos atrozes a si infligidos. Dirige-lhe, então, as seguintes palavras:

—Mestre, não posso conformar-me em que, sendo tu tão bom e tão puro, pereças assim de morte infamante... Deixa-me salvar-te: toma a minha armadura, este manto e esta chave: abre a portinha que ali vês, a qual dá para um corredor. Ao final dele encontrar-te-ás numa viela deserta. Dali irás à minha casa, onde moram pessoas dedicadas que te facilitarão a fuga da cidade. Deixa-me morrer em teu lugar, porque a vida de um soldado obscuro não vale a de quem, como Tu, é providencial e benéfica aos enfermos e desgraçados..."

Jesus recusa a proposta, mas promete aceitar-lhe o sacrifício, não naqueles dias, mas em futuro distante, nas chamas de uma fogueira!

* * *

Vamos, agora, a outro fato: John Huss, teólogo notável, nasceu em 1369, em Husinec, na Checoslováquia, tendo sido ordenado sacerdote em Praga em 1395. Desde logo simpatizou com as idéias de Wycliffe, reformador religioso inglês que negava o dogma da transubstancialização, ou seja, a transformação do pão e do vinho no corpo e sangue de Jesus.

Durante os sermões, feitos na sua língua pátria, apoiava a tese de Wycliffe, verberava a vida imoral da Prelazia, a ostentação do luxo e a simonia dos papas, pregando o retorno do clero à vida simples, honrada e dignificante, praticada pelos discípulos do cristianismo primitivo.

Na defesa de suas teses, dirigiu-se a Roma, onde foi acoimado de herege e excomungado pelo papa Alexandre V, que considerou interdita a cidade de Praga, onde exercia o sacerdócio, sem que isto o demovesse de suas convicções.

Em 1413 foi intimado a comparecer ao Concílio de Constança. Para salvaguarda de sua integridade física e de sua liberdade, ali compareceu munido de um salvo-conduto de Segismundo, Rei da Hungria e Imperador do Sacro Império Romano.

Instado a reconhecer suas "heresias" e a abjurá-las, afirmou que só o faria se provassem que eram contrárias aos ensinamentos da Bíblia. De nada valeu-lhe o salvo conduto que portava, pois foi conduzido à fogueira no dia 6 de julho de 1415, sendo suas cinzas lançadas no lago de Constança.

Ao ser-lhe conferida a sentença, olhou fixamente para Segismundo, que se encheu de vergonha ante a violação premeditada do salvo conduto que lhe dera, caminhando para as chamas com invulgar serenidade e firmeza de ânimo, dizendo: "—Estou preparado para morrer na verdade do Evangelho, que ensinei e escrevi!"

* * *

John Huss, que é venerado como santo pelo povo checo, nada mais era que Quirilius Cornelius, aquele soldado romano que se oferecera ao sacrifício perante Jesus e que renasceria, em 1804, quase 389 anos depois, na pessoa de Hippolyte León Denizard Rivail, ou Allan Kardec, conforme nos assevera o cronista Kleber Halfeld, da revista "Reformador", na edição de maio/2000

Fontes: Encyclopédia Barsa – 1969

Moderna Encyclopédia de Consultas - D.C.L. – 1972

Dicionário Lello Universal – 1964

DELÍRIO

Humberto Rodrigues Neto

Pressinto, algumas vezes, que me elevo
a alcandorados cimos majestosos,
a uma bizarra região de gozos,
à qual em êxtase também te levo!

Talvez lembrando algum viver primevo,
à mente vêm-me sonhos vaporosos,
de um tempo em que, juntinhos e ditosos,
nós já vivemos e do qual me enlevo!

E é-me tão nítido esse tempo lindo....
luas... auroras... Posso até retê-las
nas mãos, o seu tamanho comprimindo!

E vão meus dedos, logo após contê-las,
revérberos de sóis em ti esparzindo,
e em teus cabelos debulhando estrelas!

S.Paulo - Brasil

SOMBRA SOU...

(À minha esposa, in memoriam)
Humberto Rodrigues Neto

Mera sombra ora sou do que fui antes
nos meus constantes risos de euforia,
quando inda ouvia as notas fascinantes
dos farfalhantes guizos da alegria!

Meus tempos de ouro são saudade agora,
que não vai embora e fica aqui comigo,
como um castigo que me desarvora
e no qual chora a dor que ao peito abriga!

Ontem sorrindo... hoje a curtir a dor,
só vejo horror por onde a vista pousa...
só a fria lousa me restou do amor
daquela flor que foi a minha esposa!

S.Paulo - Brasil

A natureza das vicissitudes e das provas que suportamos pode, também, nos esclarecer sobre o que fomos e o que fizemos, como neste mundo julgamos os fatos de um culpado pelos castigos que lhe infringe a lei.
(ALLAN KARDEC)

SER POETISA

©María Cristina Garay Andrade©

Muchas veces nos cuestionamos quienes nos dedicamos al arte por vocación de servicio asumiendo la realidad de un mundo materialista de consumismo frívolo y exasperado, si realmente vale la pena consagrarnos a ser artífices de la cultura.

En lo personal y en carácter de escritora de género ensayista y finalmente poetisa, el interrogante ¿para qué escribimos? es frecuente, porque me siento habitando en un mundo incompatible con el que en realidad convivo, creando aislada un ambiente propicio para el despertar de las musas alejadas de ese infernal enjambre cosmopolita invadido por guerras, hambre, violencia, trivialidades de estereotipos y bastante insubstancial visto bajo mi franqueza de criterios.

Algunos conceptos vertidos creo que un poco erróneos, ser artista es tildado como una conducta bohemia y reprochable, no se lo ve entonces como un trabajo de construcción intelectual de amplia contribución a la cultura, tal vez resulte de llevar una vida nocturna que optamos la mayoría de las/os protagonistas. Admito que adoro las noches para concentrarme en ese estímulo especial que hace brotar espontáneamente en sortilegio el enlace entre la inspiración y la rima.

Es mejor visto ir a trabajar tras un escritorio por dar un mero ejemplo, que sentarse a escribir sobre el amor como utopía, y sin embargo que grato nos resulta leer a Amado Nervo, Las Rimas de Bécquer, Alfonsina Storni y otras/os.

En todas las épocas siempre resultó difícil la gestión artística por eso siempre existieron y existen aun los llamados mecenas impulsores del arte. En la actualidad no falta el buen consejo de un facultativo que como relax y para quitarnos el estrés resulta óptimo leer un libro que beneficie nuestra autoestima, visitar una exposición de cuadros o admirar esculturas como las Fuentes de las Nereidas de Lola Mora en mi país.

Como haríamos para aprender si no hubiera quien escribiera libros de enseñanza, como haríamos para evolucionar la ciencia si no hubiera científicos que documentaron sus descubrimientos o sus hipótesis. ¿Existiría la filosofía, si Aristóteles no hubiera dejado por escrito sus tratados? Es evidente que el arte genera progreso en la humanidad pero le falta ese reconocimiento planetario para darle la misma solvencia a quien quiera desarrollarse como artista, científico, investigador, etc.

Es lamentable pero finalmente los gobiernos darán mas presupuesto para fabricar misiles o armas químicas que para editar un libro de poemas.

En la historia de las antiguas sociedades lo que se ha hecho imperecedero y podemos llegar decir que resulta hasta inmortal es el arte en todos sus oficios, pues a través del genio creador hemos podido vislumbrar culturas milenarias estampadas en piedra de esculturas, pinturas y escrituras que nos da en conclusión que el mensaje a perpetuidad fue dado invariablemente a través del arte.

Los avances en la actualidad siguen buscando antecedentes de pasados que hayan dejado marcados vestigios de la humanidad más remota hasta nuestros días y no hay nada más asombroso que eso suceda con los descubrimientos en excavaciones arqueológicas en busca de esos tesoros culturales que terminan siendo una noticia destacada por el hallazgo con gran resonancia.

¿Como hubieran hecho las sociedades prehistóricas para dejar sus huellas si no hubiere sido a través del arte esculpido en la roca? No hubiéramos podido conocer nada de nuestros antecesores.

Pareciera entonces que incursionar en el arte es un trabajo de oficio, dedicar a la cultura la facultad que por naturaleza y disciplina intentamos de diferentes formas legar al mundo es perpetuidad de civilización.

Adquirir fama o renombre internacional no estaba fijada en mi mente como un objetivo final, ni pretendo llegar a ser un Best Sellers o mucho menos un premio Nobel de Literatura, escribo sencillamente porque me nace espontáneamente y me cautiva hacerlo desde muy jovencita. A estas alturas de mis acumuladas

primaveras es determinación disfrutarlo como consagración exclusiva por el resto de mis días.

Resulta a consecuencia de esta decisión alegar al ver hoy que soy reconocida internacionalmente según marcan los mapas que definen mis blogers en forma creciente en muchas partes del mundo, la mayoría de habla hispana pero así también en otros países de disímiles idiomas, sorpresa que reconforta mi espíritu e incrementa el estímulo de seguir por este camino.

A todas esas personas mi profunda gratitud por el empleo de su tiempo en leerme, quiero remarcarles que no significan un puntito rojo en el mapa virtual del blog imprimiendo frías estadísticas de visitas, sino todo lo contrario representan almas que entran en mi frecuencia y por tal concordancia deseo que les llegue mi fraternal amor por esa dedicación especial a quien les esta escribiendo.

¿Qué es ser poetisa entonces?

Ser poetisa es en cada mujer tener un estilo propio, una marcada personalidad y una formación filosófica en un horizonte de infinitos matices verbales.

Ser poetisa tiene innumerables percepciones casi imposible de describirlas todas, es como si un ángel a nuestras espaldas nos cubriera de sensibilidad los sentidos potenciando lo sublime que tiene el amor.

Ser poetisa es el símbolo de la feminidad del alma dando su opinión bajo otros conceptos de ver la vida.

Ser poetisa es libertad de pensamiento, ingenio y talento.

Ser poetisa es capacidad de creación y habilidad para hablarle al mundo sin temores ni condicionamientos.

Ser poetisa es autonomía, práctica diaria, es constancia y es introspección.

Rimarle al amor es una de mis grandes pasiones, esas musas, diosas inspiradoras de la música y las letras hacen la delicia de mi vida.

Tal como le escribo al amor así lo concibo.

Monte Grande – Buenos Aires – Argentina

<http://mariacristinadesdemisilencios.blogspot.com/>

http://www.agregarte.com/salas/maria_cristina_garay_andrade_1.php

<http://mariacristinadiccionario.blogspot.com/>

SER POETISA

©María Cristina Garay Andrade©

Nace en el alma la musa creadora de la poesía
Rodeada de arpas y liras le establecen sintonía

Vibra la esencia en su cualidad mas sentida
Ser poetisa es expresar percibiéndote poseída

La pluma en el papel al amor le concede forma
Su imaginación con voces en realidad la transforma
Notas fluidas en rima el canto mágico asoma
La tinta que apresurada velocidad del viento toma

Percibes la profecía, tu vocación de ser poetisa
Las musas en el Olimpo te bautizan como pitonisa
Con señales de sabiduría encienden estrellas las sibilas
Dotando de virtual seducción el mensaje que perfilas

Principio de autonomía energía cósmica divina
Nubes doradas te cubren el verbo que te domina
El anochecer te envuelve de una dulce melancolía
Y por inspiración te hallas pariendo una poesía

Monte Grande – Buenos Aires – Argentina

Meus tempos de criança

Rosa Pena

*"Eu daria tudo que eu tivesse
Pra voltar aos dias de criança,
Eu não sei pra que a gente cresce
Se não sai da gente essa lembrança..."*

Ataulfo Alves

O cursinho de admissão que fazíamos para enfrentar o ginásial nos colégios da rede pública, Instituto de Educação, Pedro II, Colégio de Aplicação, nessa época eram os mais visados. Puxadíssimos.

A aula de história da bela professora Marisa, cabelos longos e negros, estilo Perla (cantora de sucesso na época), dava o maior ibope entre a garotada. Não só pela sua beleza, mas por suas aulas ricas em informações.

Lembro-me, como se hoje fosse, o dia em que ela começou a falar dos piratas. Após explanar o que definia pirataria, começou a nos contar histórias. Sabíamos muito pouco, somente das proezas do Capitão Gancho e olhe lá, então o assunto ficou interessante. Tínhamos um colega de sala que adorava holofotes nele, acha-se "o poderoso" dentro da nossa galera constituída essencialmente de classe média, pois seu pai tinha um carrão. Bento, em outras aulas, já havia sido parente do Marquês de Pombal por parte de mãe, do Visconde do Rio Branco por parte de pai. Desta vez resolveram que alguns de seus antepassados haviam sido poderosíssimos piratas. Roubou a cena e com uma enorme euforia começou a narrar aventuras incríveis de seus primos em vigésimo grau, cometendo mil maldades, afinal todo flibusteiro tem que ser muito mau segundo o conceito Peter Pan!

A professora tentou, com seu jeito meigo, voltar à pauta da aula, mas Bentinho não permitia e extrapolou geral, persistindo em falar da coragem e audácia dos seus primos caribenhos. Muitos roubos, inúmeros assassinatos. Crueldade exposta como vantagem. Rios de tesouros legados a sua família. Nós, com nove ou dez anos, acreditávamos em quase tudo.

Bobinhos, graças a Deus!

Num certo momento afirmou que corsários não choram jamais, mesmo ficando meses isolados do mundo em alto-mar. Ó dô! Tão cedo e já com o conceito, ou melhor, preconceito contra as lágrimas masculinas. Dona Marisa, tranqüila, aproveitou o gancho (não o capitão) e disse:

— Os piratas, por viajarem muito tempo e conviverem somente entre homens, muitas vezes acabam por praticar a homossexualidade. A sala destacou-se pelo silêncio. Não se ouviram risos, mesmo porque a professora conduziu o assunto com seriedade.

Se fosse hoje teria dito ao Bento com ironia:

— Se piratear já é crime, olha mais um motivo para não fazê-lo. Acho que não teria dito nada não, pois tenho certeza de que o menino naquele dia aprendeu muito mais do que ele imagina. Aprendeu que basta ser Bento da Silva e que homem pode chorar o quanto quiser. Chorar até porque não se é mais criança quando ainda se é. (do livro: *Pretextos*)

www.rosapena.com

Sara_mago

Rosa Pena

O mago não sarou.
Emudeceu o escritor?
Jamais: Sua obra não cala!

—Louvores—

A Michelangelo

Eliane Couto Triska

A torre luz em seus rendais dourados.
No alto, os sinos cantam, no beiral,
A Criação, a saga, os pecados,
Epopéia nas mãos do tribunal.

Atrás do mundo, na alma das dores,
Os salmos oram no calar da hora:
Maria, ergue os mantos protetores
E vai mais alto! Tu, nossa senhora!

Ó homens, são os ventos a ruína?
Castelos, muito além, quem vai erguê-los
Se tombados da paixão que alucina?

Só a beleza, num gesto de louvor,
Na Capela Sistina, a absolvê-los,
Pelas mãos prodigiosas de um pintor.

Canoas, junho/2009

Sobre a autora:

**Escrever é minha liberdade
e minha resistência!
(Eliane Triska)**

Autora do livro "OS TEMPOS E SUA VOZ"

(Divulgação de Rosa Pena)

NOTÍCIA

Argentina será el "País Invitado de Honor" en ARLES 2010 3 DE JULIO AL 19 DE SEPTIEMBRE – FRANCIA

La Argentina asistirá como "País Invitado de Honor" al prestigioso festival internacional de fotografía artística de Arles, en Francia, entre el 3 de julio y el 19 de septiembre. En esa ocasión, los famosos "Les Rencontres d'Arles" celebran su 50º aniversario, realizando un homenaje a los 200 años de la Revolución de Mayo y exhibiendo la cultura argentina con prestigiosos artistas.

La presentación es organizada conjuntamente por la Unidad Bicentenario de Presidencia de la Nación, la Cancillería Argentina y la Embajada Argentina en Francia. Los artistas argentinos que presentarán más de un centenar de obras y fueron seleccionados por Francois Hebel, director del Festival de Arles, son: León Ferrari (artista invitado de honor de Les Rencontres d'Arles), Oscar Bony, Marcos López, Gabriel Valansi, Leandro Berra, Sebastián Mauri, Augusto Ferrari, David Lamelas y Marcos Adandia.

La participación argentina se exhibirá en tres pabellones. La capilla neo-románica de Sainte Anne (desacralizada), albergará la muestra especial de León Ferrari, en la cual se mostrarán obras fotográficas, collages, e instalaciones artísticas. Es la primera vez que Ferrari expone en Francia. A su vez, dos pabellones del conjunto arquitectónico "Parc des Ateliers" se destinarán a los demás artistas argentinos.

El ministro de Cultura y Comunicación de Francia, Frederic Mitrand, inaugurarán el evento, donde las arenas del antiguo circo romano de Arles serán el escenario de la noche donde se agasajará a los artistas argentinos, figuras de la cultura, personalidades y autoridades francesas.

En sus recientes viajes a Buenos Aires, Francois Hebel destacó "la imaginación y variedad estética de la cual hacen gala los artistas argentinos, quienes reflejan la memoria inmediata argentina y la identidad latinoamericana".

La actividad forma parte de la agenda abierta, propuesta por la Presidencia de la Nación, que incluye a todos los actores sociales, políticos y económicos. Se convierte así en un festejo descentralizado y federal.

Los famosos "Encuentros de Arles" generan un gran número de eventos artísticos, teatrales y musicales que se desarrollan en simultáneo, y que atraen –en pleno verano europeo– a numerosos turistas de diversas procedencias. Unas cien mil personas visitan anualmente Les Rencontres d'Arles.

*(Fuente: Agenda de Colectividades Argentina – María Gonzalez Rouco
Prensa Bicentenario)*

Divulgacion de María Cristina Garay Andrade - Argentina

NOTÍCIA



Uma iniciativa inovadora na Educação Brasileira!

1º Congresso Internacional de Educação e Espiritualidade

4, 5 e 6 de Setembro de 2010
Centro de Convenções Rebouças
São Paulo – SP

Esse evento histórico, inédito no Brasil, pretende discutir a inserção da espiritualidade na educação, de maneira plural e inter-religiosa!

Os três eixos temáticos do congresso são:

Saúde e Espiritualidade
Educação e Espiritualidade
Educação e reencarnação

Convidados Internacionais:

Drª.Antonia Mills (Universidade da Nothern British Columbia-Canadá)
Dr. Claude Robert Cloninger (Universidade Washington, Saint-Louis- EUA)
Dr. Jim Tucker (Universidade de Virgínia- EUA)
Profª. Laura Lippmann, diretora do Education and Data Development Child Trends (Washington-EUA)
Drª Marian de Souza (Universidade Católica da Austrália)
Dr. Przemysław Grzybowski (Universidade de Bydgoszcz – Polônia)

Convidados nacionais:

Prof. Alessandro Cesar Bigheto (ABPE)
Dr. Alexander Moreira-Almeida (Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF-MG)
Rabino Alexandre Leone (USP) (judaísmo)
Dr. Alysson Leandro Mascaro (USP)
Drª. Ana Szpiczkowski (USP)
Dr. André Andrade Pereira (UFF – Universidade Federal Fluminense)
Dr. André Luiz Peixinho (UFBA - Universidade Federal da Bahia)
Monja Coen Sensei (budismo)
Drª.Dora Incontrí (ABPE/Unisanta)
Dr. Franklin Santana Santos (USP)
Dr. Frederico Leão (Hospital João Evangelista/ProSer-USP)
Dr. João Francisco Régis de Moraes (Unisal/Unicamp)
Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier (Unicid) (tradições afro-brasileiras)

Dr. Julio Peres (USP)
Dr. Leonildo Silveira Campos (Universidade Metodista) (protestantismo)
Prof. Luis Augusto Beraldi Colombo (ABPE)
Dr. Luiz Jean Lauand (USP) (catolicismo)
Prof. Ney Lobo
Prof. Tiago Pires Tatton Ramos (Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF-MG)

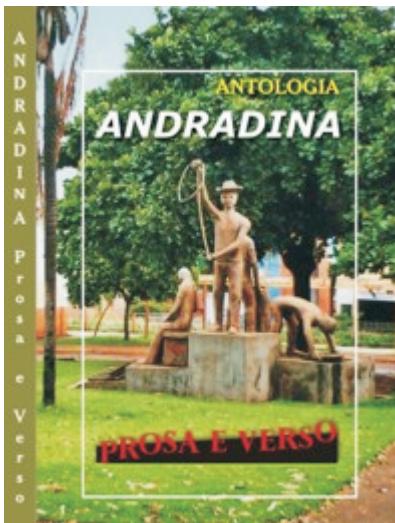
Programação completa, inscrições e valores:

www.pedagogiaespirita.org.br
abpe@uol.com.br
11-4032 8515
11-8155 8005



O LANÇAMENTO DE UMA ANTOLOGIA PARA A CIDADE NATAL

Marco Bastos e Maria Inez Masaro



Com muita alegria registramos o lançamento no dia 09/07 da Antologia ANDRADINA PROSA E VERSO, que teve a coordenação de Maria Inez Masaro Alves e que reuniu trinta e três escritores que têm com a Cidade vínculos de nascimento ou de moradia. Nas palavras dela: **no evento foram vividos momentos mágicos.** E isso seria mesmo assim. Raras são as oportunidades de associar um momento cívico, o aniversário de uma pequena Cidade, com o reencontro afetivo e literário de vários amigos de infância e de adolescência que em busca de seus caminhos hoje se encontram em vários Estados brasileiros e também em outros países. Não se tratava de uma reunião de textos e de autores, mas tratava-se de ofertar à Cidade o nosso presente de aniversário. Trazímos lembranças saudosas sim, mas tínhamos a consciência da importância do reatamento dos laços. Queríamos dizer que não ficamos estagnados, mas que cultuávamos as nossas primeiras letras um dia registradas naquela singela antologia editada no tempo do ginásial. Confiávamos na qualidade dos textos, na pertinência e acuidade dos conteúdos - conhecíamos a escola, as experiências e as trajetórias por outros livros publicados de quem vivenciou um mesmo tempo e/ou um mesmo espaço. E modelamos a antologia para ser interessante diversificada e bela; para que refletisse no limite das até vinte páginas de cada autor, a criatividade que sabíamos existir - Os andradinenses natos não teriam uma temática pré-definida; e demarcando a geografia, contando trechos da história, os andradinenses por opção de moradia abordariam coisas da Cidade.

Maria Inez, andradinense, cidadã italiana, cidadã serrana, doutora em Sociologia, mestre em Educação e Pedagoga, pela Universidade de Campinas, criadora do Círculo de Leitura de Serra Negra, professora universitária aposentada (hoje faz pesquisa como Pesquisadora Colaboradora no Centro de Memória da UNICAMP no campo das Ciências Sociais) é a conterrânea e contemporânea autora de "Pulseira de Berloques; ed. 2009) que agora prossegue e lhes escreve.

* * *

Nascemos em Andradina, cidade do noroeste do Estado de São Paulo, população em torno de sessenta mil habitantes completa nesse mês de julho setenta e três anos. Minha família, imigrantes italianos, com a decadência do café, já tinha lá seus representantes quando Moura Andrade, fundador da Cidade, mandou erguer o cruzeiro e rezar a primeira missa. Para lá também acorreu a nossa Dona Cora, a Cora Coralina de todos os brasileiros. Dona Cora como a chamávamos adquiriu uma gleba de terra na zona rural e uma pequena casa na cidade, situada na colônia das primeiras residências construídas na Rua Quinze de Novembro, pelo fundador. Assim os *chegantes* encontrariam abrigo e acolhida no povoado que se formava. Entre o plantio e a promessa da colheita dadivosa, Dona Cora montou uma pequena loja de armazéns: "Loja Borboleta", e alugou uma porta do prédio de comércio que meus pais, visionários do progresso da cidade, rapidamente construiram na Rua Paes Leme, rua que seria a artéria por onde passariam lavradores, boiadeiros, tropeiros, médicos, advogados, estudantes, tropas de animais, charretes, caminhões com imensas toras, jardineiras com muita gente, carros e caminhonetes, alguns luxuosos... Em 1945 Andradina já tinha um curso ginásial para os filhos das primeiras famílias. Na década de cinquenta o ginásio se transformou em Colégio Estadual de Andradina, CEENA, e foi lá, sob a orientação de professores formados em sua maioria pela USP, e selecionados nos primeiros concursos públicos, que nossa geração aprendeu o amor pela literatura. Quando nos propusemos a organizar a Antologia,

fizeram-se presentes em nossas memórias, as figuras das professoras de Português que nos ensinaram a expressar nossas idéias, Sara Ortiz e Brasilina de Souza; Vinicius Calvoso, o professor de Latim, que apresentou a origem vernácula de nossa língua, e dos professores que nos obrigavam a pensar e a gostar da dialética da História, Maria Anita Nascimento e Antonio Nascimento de Geografia, e a da diretora, professora Neusa Palo Jurema, que possibilitava tudo isso. Eram presenças constantes e inesquecíveis em nossa prosa e verso

Da primeira colônia, onde morou Dona Cora, resta apenas uma casa, essa que fotografei na rua que hoje é Dr. Orensy Rodrigues da Silva. A presença de sua moradora, a figura miúda de olhos vivos, que se autodenominava roceira, a doceira inigualável, a cidadã ativa, a poeta que começava a aparecer, deixou marcas eternas em quem, como eu, teve o privilégio de ser sua contemporânea naquelas vermelhas terras de Andradina.

Andradina, que deixamos em sua juventude, "como barcos aventureiros", que jovens, íamos à busca de novas promessas e nos espalhamos pelo mundo afora. Seja da Coréia, da Bélgica, dos Estados Unidos, do Canadá, de Salvador, e de tantos lugares mais, não nos esquecemos de nossa terra natal, e voltamos para ela em sua maturidade. Não a reconhecemos em seu progresso dinâmico e agitado. Mas ela, como mãe generosa, soube ver em nós não a aparência física transformada pelas marcas do tempo, mas o coração traduzido em palavras que voltou prenhe de agradecimento e de desejo de perpetuar sua história através do registro dos feitos de sua gente. Nossa Antologia Andradina Prosa e Verso foi o nosso presente, entregue em um momento de festa, reencontros, saudades, música e poesia, como deve acontecer nas comemorações de aniversário daqueles que amamos e cultuamos.



GALHOS VERDES DE MAMONA

Mauro Pereira da Silva

Te mando café moído, cheiro de capim cortado,
 Onze-horas abrindo sob o sol de setembro
 Arrebol cor de sangue tendo ao fundo
 Uma revoada de andorinhas alegres.

Te mando arroz batido em pilão,
 Saco de mexericas, goiaba da boa
 Melão vermelhinho, açúcar mascavo
 Um pouco de areia da rua, por onde

Andaste em pequeno, descalço e feliz.
 Te mando rosas, azaléias, mamão de vez,
 Suco de gabiroba e de tamarindo verde
 Galhos verdes de mamona, um céu roxinho

Um redemoinho vespertino de quando
 Voltavas da escola (o Álvaro Guião)
 E o asfalto até derretia de tanto calor.

Te mando algo que hoje não tens, algo
 Que sentes ,que falta, algo que o dinheiro
 Não compra: mando a ti mesmo,
 A imagem daquele que se foi para sempre.

<http://www.youtube.com/watch?v=-wLQtnmaa6Y>



MOÇÕES DE APLAUSO, CONGRATULAÇÕES E INCENTIVO OUTOGARDAS PELA CÂMARA MUNICIPAL DE ANDRADINA, NO EVENTO DE LANÇAMENTO DA ANTOLOGIA ANDRADINA PROSA E VERSO:

Maria Inez Masaro Alves, membro do Conselho Editorial da Antologia Andradina Prosa e Verso

Marco Antonio de Sousa Bastos, membro do Conselho Editorial da Antologia Andradina Prosa e Verso e criador do Blog Andradina.ning.com

Vicêncio Brêtas Tahan por sua contribuição à Educação como professora na década de 50.

Walter Ramalho Miranda por sua contribuição como pioneiro do Ensino Superior em Andradina.

Neusa Palo Jurema – Por sua atuação como Diretora do CEENA, e pelas obras assistenciais na década de 50.

Divulgação de Marco Bastos

POETAS E PROSADORES

Jorge Cortás Sader Filho

São ambos os encarregados de manter a literatura viva. Poetas e prosadores, salve!
 Interessante quando lemos um ou outro. O poeta é sim um sonhador. Veja a sua produção. Quase a totalidade é sonho, devaneio, tristezas e exaltações. Amores que se formam, amores que já não mais existem. Saudade. Exortação.
 Dizem que o poeta nasce, não se faz. Acredito. Tem o dom de ver a pequena planta que nasce no muro velho e deste fato, aparentemente tão comum, transformar num poema celestial. Puro sonho, mas a Vida autoriza.
 Acaso você já olhou a mirrada flor que aparece entre tijolos? Procure. Vai ter uma surpresa. É como se fosse um milagre, não se sabe quem plantou, não foi regada senão pela chuva. O poeta vê e contempla. Depois, passa para o papel.

Muitas vezes parte para tarefas que são quase impossíveis de serem feitas.

“Cesse tudo o que a musa antiga canta

“Que outro valor mais alto se elevanta.” - Camões, “Os Lusíadas”

Pois bem. E os prosadores? Costumam sonhar menos, mas nem sempre. São comuns os romances e contos que partiram de fatos ocorridos, onde a fantasia entra como elemento catalisador. Seria cansativo enumerar obras e nomes, que escrevem em português. Aliás, tarefa quase impossível.

Os cronistas estão sempre fantasiando a verdade. Já ouvi dizer que são os repórteres de fraque e cartola. A elegância no escrever transforma a maldita e sanguinolenta briga no botequim, num desentendimento num bar não sofisticado.

Assim eu vejo os escritores. Estarei errado?

Creio que não.

<http://aduraregradojogo24x7.blogspot.com/>



Do nosso correspondente, Oleg Almeida

Que coisa mais esquisita, esse inverno tropical! Um sol deslumbrante que atesta a proximidade do equador, fazendo-nos transpirar, e um vento glacial que nos lembra, por sua vez, que não distamos tanto assim da Antártida. E as noites mal dormidas devido ao frio que passa através das finas cobertas e causa arrepios mesmo a quem conhece os álgidos invernos europeus? Vem aí, meus caros leitores, uma poesia escrita ao cabo de uma dessas noites e fraternalmente dedicada aos habitantes do Sul brasileiro.

A DONA-BRANCA

Se nossa vida fosse uma grimpá,
quem ousaria predizer as voltas dela?
Em fins de julho, meu irmão, o sol divino
assoma lá no céu, abrasador;
e do inverno nós nos despedimos
até, indica tudo, as calendás gregas,
contando já com a chegada dos calores,
mas o verão costuma demorar.
Enquanto duas estações se enfrentam
na luta pela primazia, não merece
nenhuma previsão do tempo confiança,
e, para si puxando o cobertor
ao cabo duma noite mal dormida,
resmunga a gente contra a dita dona-branca
que de cristais gelados cobre novamente
os trêmulos arbustos do jardim.
Ainda bem que logo cai aí fora,
sem resistir ao nosso clima prazenteiro!
É desse jeito que se faz o que chamamos
de lances do destino... Em geral,
não há glamour que seja infindável
nem desventura que perdure vida adentro:
os anos passam diferentes um do outro,
mas cada um nos serve de lição.
Portanto, se ficar preocupado
com um problema a mais, não te contristes, mano!
Que tal você o comparar à dona-branca
que vem apenas para se mandar?...

Mudando de assunto, que tal falarmos sobre uma obra poética que li e resenhei com muito prazer?

Afrodite in verso por Paula Cajaty.

Na terceira parte dos célebres Cantos de *Bilítis* de Pierre Louÿs (1894) há um trecho maravilhoso – o *Mar de Kypris*. A protagonista, cortesã e poetisa grega Bilítis, vê o sol nascer sobre o mar Mediterrâneo, o mesmo que, segundo um mito bem conhecido, presenciou o advento de Afrodite, e, de repente, fica arrebatada com o vislumbre de “mil lábios pequenos de luz”, sorriso da grande deusa multiplicado pelo constante vaivém das ondas, e evoca um dos nomes sagrados dela: *Kypris-que-gosta-de-sorrisos*. Exatamente essa impressão – uma intensa luz que ilumina as imagens poéticas por dentro – surge com a leitura de *Afrodite in verso*, livro de estreia da carioca Paula Cajaty. Uma luz forte que, todavia, não queima a pele nem cega os olhos.

Em sua maioria, as obras de Paula Cajaty não geram tanto impacto quanto, por exemplo, as da autora brasiliense Cristiane Sobral, ou melhor, seu impacto é outro. Em vez de explodir a realidade com sua furiosa energia de contestação, elas exploram-na sutil e delicadamente. “Preciso de um doce / que me dê prazer... / prefiro saborear... / pra esquecer do frio da vida” – confessou Paula na poesia *Delicatessen*. Otimista por vocação, ela deixa as mazelas sociais – pobreza, violência, amoralidade – fora do seu universo ensolarado. Esse é seu imperativo estético: seria estranho, se Afrodite, deusa de amor, beleza e harmonia, aparecesse no meio de uma saraivada de balas perdidas e denúncias de corrupção que

pululam nas páginas de nossos jornais. É a Atena que caberia, talvez, enfrentá-la!

“A brevidade é irmã do talento”, disse o famoso escritor russo Anton Tchekhov. Além de luminosos, os versos de Paula Cajaty são concisos, mas isso não quer dizer que a mulher moderna apenas “corre de manhã / corre no almoço e no cair da tarde / corre até parada, na esteira” (*Correndo pelo mundo*) e, levada pela roda-viva do cotidiano, negligencia o lado poético dele ou, pior ainda, não tem nada a contar sobre a sua vida, seus sonhos, suas angústias e aspirações. Eis a poesia Uma noite, aliás, uma das menores do livro: “Chega a noite / e eu sozinha no quarto / o sereno é meu amante / o escuro me compartilha na cama.” Qual a essência destas quatro linhas que, apesar de sua aparente simplicidade, valem um extenso poema – saudade do amor que foi embora? premonição do amor que está por vir? solidão existencial, insônia crônica, inalcançável felicidade? E que fonte de inspiração as originou: experiências vividas ou conjecturas verossímeis? Pois é... a exuberância do conteúdo ombreia frequentemente a sobriedade da forma. Como se diz, a bom entendedor meia palavra basta, mesmo que se revele nela uma imensidão de causas e consequências.

Todo escritor conhece aquelas inúmeras dificuldades que acompanham, em regra, o início de uma bem-sucedida carreira literária. Precisa-se de muita coragem para superá-las uma por uma, chegando ao sucesso e reconhecimento. “Quando um pássaro quer voar – diz Paula na sua poesia Primeiro voo – ele não testa, não / é na marra / tem que acertar / de qualquer jeito / tem que se jogar / de lá de cima... / e pegar o jeito na asa (...) e ele só faz isso / só se joga no vazio / porque precisa voar / quando sente a certeza do voo / dentro de si.” E esses versos significam que sua fase de aprendizagem poética já terminou, que está na hora de alçar altos voos. Tenho plena certeza de que o novo livro de Paula Cajaty lançado pela mesma editora 7Letras que publicou Afrodite in verso comprovará a maturidade criativa de sua autora.



Voltemos, por fim, às nossas divagações hibernais... Esta foto representa um dos lugares mais pitorescos de Gómel, minha cidade natal: o majestoso palácio dos príncipes Paskiewicz situado num lindo parque bicentenário:

Faz uma eternidade que não sinto a neve se derreter,
efêmera como a rápida juventude, na palma da minha mão!

Oleg Almeida

<http://www.olegalmeida.com/>

MANOEL FERNANDES FILHO
Luiz Poeta

Luiz Gilberto de Barros – às 10 h e 29 m do dia 26 de junho de 2010
 Rio de Janeiro – Brasil
 Especialmente para a Revista “eisFluências”

Estamos na Academia Pan-Americana de Letras e Artes, no Rio de Janeiro, onde farei uma palestra sobre o poeta baiano Gregório de Matos. Minha mulher me acompanha. Aguardamos a abertura oficial do sodalício, sentados nas poltronas do auditório.

Entre os convidados, notamos que um homem nos observa. Nos olhos, uma estranha bondade. Encabulados, fitamo-lo dissimulado e discretamente.

Repentinamente, quebrando a angústia da troca de olhares, suas intenções são timidamente reveladas: ele nos chama e solicita, com terna educação, que apreciemos alguns livros que traz consigo. Trata-se de um homem simples, de gestos espontâneos e roupas aparentemente modestas para uma reunião acadêmica.

- Quanto custam? – minha esposa pergunta.

- Apenas dois reais e cinqüenta centavos.

Ela folheia um deles. Cauteloso, detengo-me na análise do baixíssimo valor cobrado.

- As obras são suas?

- São todas de minha autoria.

- Todas? – admiro-me - Que bênção!

- É, escrevi há muito tempo. O preço é simbólico, serve mais para a minha passagem – diz-me num sorriso tão simples quanto sua imagem.

Observo o material. Pego um dos livros. Todos os volumes, inclusive o dela, são pequenos, de poucas páginas – umas trinta e pouquíssimas - amareladas - algumas folhas soltando-se, manchadas pela ferrugem que se desprende dos grampos envelhecidos.

- Olha só que interessante... – minha mulher mostra-me o dela – há poesias que contêm versos monossilábicos... você certamente vai gostar.

Interesso-me mais ainda. Diferentemente do exemplar escolhido por Denise, opto por outro, com um título atraente: “Malabarismos Poéticos”.

Pagamos. (- Por que será que cobra tão barato? - pago para adquirir e para saber – Será que o conteúdo é pobre?)

- O senhor poderia autografar para nós, por favor.

- Com muito prazer. Sinto-me honrado. Com se chama o casal?

- Luiz Poeta e Denise.

O registro é simples como o escritor: “Ao distinto casal Luiz Poeta e Denise com os meus agradecimentos”. A letra é bem distribuída, legível, firme; a assinatura, entretanto, é um pouco incompreensível, mas o frontispício define o autor: “Manoel Fernandes Filho”.

Ele agradece com o mesmo sorriso de pouquíssimos músculos. Um desses risos que parecem exprimir uma análise do ser humano que há na pseudo-omnipotência dos pseudoimortais.

A presidente convida os diretores para ocuparem seus lugares à mesa. Componho o grupo.

A seguir executa-se o hino nacional. Perfilamo-nos. Cantamos juntos. Meu olhar pousa nos olhos do homem que me fita perenemente da plateia. Ele faz coro connosco numa quase meditativa emoção, fixando-se em mim com o mesmo sorriso tímido. Desconcentro-me. Erro a letra. Disfarço. Finjo ajeitar o bigode e a barba. Minha mulher divide-se com o meu embaraço.

A canção termina. Sentamo-nos. Na mesa da presidência, volto a folhear o livro que adquiri, enquanto a pauta do dia e a leitura da ata da reunião anterior são discutidas.

Ávido, recorro imediatamente à biografia (Quem é esse homem?): “Manoel Fernandes Filho nasceu na cidade de Três Rios – RJ – a 17 de março de 1929... (faço as contas: 81 anos) possui os seguintes certificados e títulos: primário, Bacharel em Ciências e Letras pelo Colégio Pedro II (internato), Cirurgião Dentista pela Faculdade Nacional de Odontologia... (Odontólogo?) 15 diplomas de cursos no Liceu Literário Português e no Real Gabinete Português de Leitura... 18 obras literárias publicadas... membro de 8 Academias Brasileiras de Letras e Artes... afins... afins... e afins (...e o livro custa apenas dois reais e cinqüenta centavos...)”.

Avanço; preciso saber mais sobre o teor da obra. Trata-se de uma competente síntese literária, onde o escritor demonstra, através de exemplos oriundos da sua própria verve, um fazer poético ímpar em que mescla uma talentosa construção, com estudos poéticos especiais abundantes em neologismos

(trovabecedário, versos sem vogais ou sem consoantes, textos de expressões monossilábicas, quadras, haicais, sonetinhos, livremetismos... afins)... ainda estou divagando... tinha aberto, aleatoriamente, numa página em que um soneto de Manoel iniciava-se assim:

“Amo esta vida sem temer a Morte... / Como cristão, na Morte vejo a Vida, / Sentindo que sem Fé, a Vida é Morte / E crendo que, com ela, a Morte é Vida!”

Reflito sobre a antítese da estrofe e analiso a fugacidade do homem ante a perenidade do artista, procurando entender a metáfora de uma suposta imortalidade acadêmica tão comemorada pelos vivos...

Estou tão fascinado que meu envelope só se quebra quando a presidenta Benedita da Silva o interrompe:

- Neste momento, temos a honra de receber o nosso acadêmico e vice-presidente da APALA, Luiz Poeta, que nos brindará com uma belíssima palestra sobre o grande poeta Gregório de Matos...

- Gregório de Matos? Ué... não era sobre... Manoel Fernandes Filho ?

CADA MULHER QUE ME BEIJOU
Luiz Poeta

Luiz Gilberto de Barros – às 23 h e 18 min do dia 8 de maio de 2010

do Rio de Janeiro – Marechal Hermes

Cada mulher que me beijou, deixou comigo
 Bem muito mais que só um beijo apaixonado,
 Um coração que um dia amou e fez de abrigo
 A sensação de ser feliz e ser amado.

Cada mulher que traz de volta essa ternura
 Tão indizível, expressiva e tão... fugaz,
 Me faz feliz quando a saudade me procura
 Trazendo flashes de momentos passionais.

Minha saudade é de cada uma delas
 E cada abraço, cada afago e cada beijo
 Tornou-se o sonho que o amor criava nelas
 Quando a ternura misturava-se ao desejo.

Todas as vezes que uma delas, como eu,
 Sente saudades de um tempo sedutor,
 Imortaliza cada sonho dela e meu
 E eterniza cada instante desse amor.

Cada mulher mais solitária que me quis
 E foi feliz com todo amor que eu pude dar,
 Beijou meus lábios com a ternura de uma atriz.
 Mas nunca viu meu coração representar.

BEBENDO AUSÊNCIAS
Luiz Poeta

Luiz Gilberto de Barros - Às 14 h e 25 m do dia 26 de março de

2010

do Rio de Janeiro - Marechal Hermes

Tu bebes, minha cara, uma ausência
 Que paira num silêncio desses tantos
 Onde o olhar se fecha à insistência
 De um pranto que repousa em desencantos.

Teus lábios saboreiam dessa taça
 Etérea, um delicado vinho branco,
 Que brindas com a saudade... que não passa...
 E sempre te sorri... de modo franco.

A música convida-te, o bolero
 Transmuta-te... enlaça-te ao teu par,
 Que diz com o olhar: - Também te quero.

E sonhas num abraço... sedutor...
 Mas quando tu começas a dançar,
 Teu filme se desfaz no teu amor.

AA - ANÔNIMOS ANÔNIMOS

Marcelo Pirajá Sguassábia



- Central de atendimento do AA – Anônimos Anônimos, boa tarde. Com quem eu falo?
- Pergunta besta. É lógico que não vou dizer.
- Ah, é um dos nossos. Qual o problema, alguma recaída?
- Claro. Por que acha que estou ligando? Pra ficar falando de mim, que eu sou o máximo, que eu faço e aconteço? Se telefonasse pra isso seria um indício de cura, e consequentemente não precisaria ligar para o plantão. Na verdade, não é bem uma recaída. É uma reclamação.
- Ok, senhor. Pode falar.
- Vou falar, mas o mínimo necessário. O suficiente pra que você me entenda e aconselhe. Na última reunião do AA vocês vieram com uma conversa que eu tinha de passar por uma prova de fogo: tirar minha carteira de identidade. Bom, num esforço sobre-humano, saí pra providenciar. Aí o sujeito lá do Poupatempo apareceu com um formulário que era um verdadeiro inquérito pra cima de mim. Queria saber meu nome, endereço, local de nascimento, disse que precisava tirar foto... imagina o absurdo, tirar fotografia! Depois de 54 anos incógnito.
- Mas o senhor tem 54 anos e até hoje não tem identidade?
- Meu anonimato é severo, grau 5 – quase 6, minha filha.
- Sim... prossiga, estou anotando.
- Anotando? Anotando o quê? Exijo que rasgue imediatamente seus apontamentos. Se alguém lê pode identificar o problema relatado com a minha pessoa, e aí eu me torno conhecido. Respeite meu direito ao anonimato. Não se esqueça que essa regra consta no código de ética dos Anônimos Anônimos.
- De fato, senhor. Desculpe a indiscrição.
- É bom que me respeite mesmo. Meu avô foi um Sicrano inveterado, meu pai foi um Beltrano de marca maior e eu sou um Fulano com F maiúsculo. Três gerações de gente que graças a Deus passou despercebida por este mundo de pessoas que só querem aparecer. Uma célebre dinastia de desconhecidos, da qual nunca ninguém há de ouvir falar.
- Tudo bem, Sr. Fulano. Pode continuar contando o seu problema.
- Alto lá. Um anônimo que se preza não conta coisa nenhuma a quem quer que seja, ainda que a senhorita seja também uma anônima para mim. Sabe como é, as paredes têm ouvidos, os telefones têm grampos e há poucos lugares no planeta não esquadinhados por uma câmera de segurança. Talvez estejamos ambos, no momento, sendo vigiados por um terceiro. Quem sabe um quarto, quiçá um quinto... só de falar já me apavoro.
- Mas senhor, é preciso convir que anonimato tem limite.
- Limite? Só se for pra você. O anonimato é a liberdade extrema, é justamente a ausência de limite. Ninguém me cobra nada – nem deveres, nem favores, nem prazos, nem satisfação de coisa nenhuma.
- Mas o senhor não tem amigos, não trabalha?
- Trabalho numa Sociedade Anônima. Não tenho a menor idéia de quais são os meus sócios e tudo vai muito bem assim, do jeito que está. Até pouco tempo atrás só aparecia lá na empresa pra assinar o pró-labore. Ia disfarçado de mulher, mas desconfiei que estavam me reconhecendo. Agora arrumei um testa-de-ferro que cuida de tudo, se passando por mim para que eu continue passando em brancas nuvens. Igualzinho o cara que assina este texto. Pra quem não sabe, ele não existe. É pseudônimo.

© Direitos Reservados

O DEDÉ

Marcelo Pirajá Sguassábia

Foi revendo “Forrest Gump” que lembrei do Dedé, o sumido porém inesquecível Dedé. Estava ao seu lado no cinema, na época do lançamento do filme, quando num rompante inspiradíssimo ele lavrou a versão tupiniquim da filosofia do anti-herói americano: “A vida é como uma empadinha de rodoviária: a gente nunca sabe o que vai encontrar”.

Nada do que o Dedé dissesse era levado a sério. Por mais sérios que fossem seus enunciados e máximas.

Consta que foi por volta de 1978 que o Dedé cismou que o tempo estava passando mais rápido. Alardeava aos quatro ventos a singular constatação, dispunha-se a chamar a comunidade científica pra comprovar por A+B a sua tese. Tinha toda uma teoria, amparada por equações complicadíssimas, cálculos quânticos e dízimas periódicas. Porém, mais rápido ou não, o tempo passou e a coisa ficou por isso mesmo.

Uma figura, o Dedé. Pelo seu jeitão aloprado, muitos o chamavam de Lelé. Que maldade.

Líder nato, amava palavras de ordem e gritos de guerra. Adivinha, no colégio, quem era o presidente do grêmio, o chefe da fanfarra, o representante de classe, o orador da turma? Lógico, o Dedé. Na faculdade, estampava e vendia nos intervalos das aulas camisetas do Che, da plantinha de Cannabis e contra o imperialismo ianque.

Se havia alguém perito em arrumar uma confusão, esse alguém era o Dedé. Sem querer, espalhava boatos e insultos difamantes, semeando a discórdia por onde passasse. Aprontava todas e, quando o tempo fechava, escafedia-se em meio à turba se estapeando. O Dedé sumia com a leveza e a rapidez de um ninja. Aquele monte de amigos batendo e apanhando por causa dele, e ele lá, rindo e guardando distância segura do quiiproquó.

O Dedé era também um dileto gastrônomo, e suas panelas assistiam às combinações mais esdrúxulas – macarrão doce, sorvete de queijo com cobertura de azeite de oliva e polvilhado com orégano, pato ao molho de fanta uva.

São muitas as recordações. Devia ter umas duas semanas de casado, praticamente ainda em lua de mel, e quem me aparece em casa, de mala e cuia? Adivinhou de novo, leitor: o Dedé. Disse que ia ficar só uns dias. E uns dias, para o Dedé, eram muitos. Mais exatamente, 94.

Assaltava a geladeira sem cerimônia nenhuma, esparramava-se no sofá da sala para ver televisão e urinava com a porta do banheiro aberta.



O ecletismo era sua marca registrada no âmbito profissional. Chegou a gerenciar simultaneamente um bingo para a terceira idade, um serviço de telemensagem e um quiosque de tapioca.

Há cerca de dois anos, aconteceu aquela que seria a grande guinada de sua vida. Com a pompa que a circunstância exigia, abriu as portas do "Hair Fashion by Dedé". Portas que foram fechadas antes mesmo da tesoura de cabeleireiro cortar a fita inaugural, por não ter sido expedido o alvará da prefeitura. Nunca testemunhei tão retumbante fracasso. Mais de 150 convivas, entre autoridades, convidados e representantes da imprensa local, degustando sidra vagabunda e assistindo o fiscal lacrar o natimorto salão de beleza.

O sucesso do Dedé com as mulheres era inversamente proporcional à sua desenvoltura como empreendedor. Tinha todas as que punha em sua alça de mira. Incluindo a filha de um promotor de justiça, com a qual chegou a noivar e a quem dedicou uma canção de relativo sucesso na época, finalista de um festival em Santa Rita do Passa Quatro e terceiro lugar num outro em Ijuí.

Não obstante essas heróicas conquistas, o pai da moça se opunha ao relacionamento, subestimando seus feitos e julgando-o indigno da filha.

Afrontado e ávido por um revide, Dedé foi à luta e um mês mais tarde esfregou na cara do promotor uma medalhinha de menção honrosa no 12º PIC - Piraporinha in Concert, e o cheque de R\$ 75,00 a que fez jus.

Convertido a uma seita pentecostal, passou a levar uma vida regrada e produzia, em sociedade com um cunhado, pesos de porta com grandes figuras bíblicas, como Maomé, Isaac e Matuzalém. Mas foi à bancarrota ao ter um contêiner de Isaacs devolvidos. O comprador alegou que os Isaquinhas rechados de areia trajavam suspensórios, artefatos que ainda não estavam em voga naqueles idos distantes.

Assim era o Dedé. Esse ser que não existe.

© Direitos Reservados



Humor, nonsense e sátira. Junte a isso algumas incursões no universo onírico e um tiquinho de prosa poética. É este mais ou menos o meu estilo: o não-estilo definido. Sou redator publicitário, pianista dilettante, beatlemaníaco desde sempre e amante de filmes e livros que tratem de viagens no tempo.

Blogs: www.consoantesreticentes.blogspot.com
www.letraemeredadacriativa.blogspot.com

Elegia

A alegria da vida, essa alegria d'ouro
A pouco e pouco em mim vai-se extinguindo, vai...
Melros alegres de bico loiro,
Ó melros negros, cantai, cantai!

Ando lívido, arrasto o pobre corpo exangue,
Que era feito da luz das claras madrugadas...
Rosas vermelhas da cor do sangue,
Rosas abri-vos às gargalhadas!

Limpidez virginal, graça d'Anacreonte,
Mimo, frescura, força, onde é que estais?... não sei!...
Ó águas vivas, águas do monte,
Ó águas puras, correi, correi!

Eu sinto-me prostrado em lânguido desmaio,
E a minha fronte verga exausta para o chão...
Cedros altivos, sem medo ao raio,
Cedros erguei-vos pela amplidão!

Guerra Junqueiro, in 'Poesias Dispersas'

Divulgação de Victor Jerônimo

Elegia 1938

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações no encerram nenhum exemplo.
Práticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.

Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a concepção.
À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.

Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
e sabes que, dormindo, os problemas de dispensam de morrer.
Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.

Caminhas entre mortos e com eles conversas
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.

Carlos Drummond de Andrade, in "Sentimento do mundo"

Divulgação de Victor Jerônimo

O SOL DA BOLA BRILHA SOBRE A PÁTRIA
Campo de Futebol – O Altar da Nação
António Justo

O futebol expressa o sentimento das nações; todos içam a bandeira e em cada cidadão rejubila a nação inteira. Nesta altura até a esquerda é patriota. Em nome da Selecção, enquanto a corrida para o título dura, acabam-se as discórdias entre os clubes e as sobrancerias de classes e posições. No reino do futebol, a nação une-se por um momento e até a política consegue passar ainda mais desapercebida. A nação deita-se a pensar em futebol e levanta-se a sonhar futebol.

No canto chão da rua encontra-se o chão da nação. Com o campeonato a mente popular estimula-se dando lugar à perdida memória colectiva da nação. Não fosse Portugal futebol e o Brasil Carnaval e futebol, por onde andaria a consciência de povo e a fama da nação!

Porquê tanto interesse, tanto entusiasmo, tanta admiração, em torno do futebol?

O Homem não é de pau e precisa de festa, precisa de ritos e liturgias, precisa de pontos altos que o eleve da banalidade do quotidiano. A liturgia profana da política é muito circunscrita e reservada só para alguns.

No futebol, o campo torna-se no altar da nação! Aí, a vítima é imolada à imagem dos ritos religiosos dominicais. Cada adepto levanta a sua prece ao seu ídolo, de forma ordenada e recolhida nas bancadas.

No Olimpo das nações, os seus deuses continuam a comportar-se à maneira dos deuses gregos. A nação vitoriosa (Paraguai...) até chega a dedicar um dia sabático para que o fervor do acto seja depois prolongado em acto de memória e como acção de graças aos deuses do poder. A divindade da nação sacrificada (Nigéria...) e ofendida troveja, do alto do seu Olimpo, castigos e actos de reparação para os seus sacerdotes...

Com o futebol, na orgia dos sentimentos, ganham todos: os contentes e os descontentes. Ele integra sentimentos e normaliza as tensões; permite também picar sem fazer doer.

Os jornalistas, satisfeitos, especulam em torno de jogadores e adeptos. Quando a equipa da nação perde chegam até a ir ao arsenal da História procurar motivos para aliviar o desconsolo da derrota.

Uma sociedade ainda não desquitada procura pessoas com quem possa sofrer em conjunto e com quem estar orgulhosa.

No canto da rua apenas uma desafinação: árbitros com atitudes desconformes, mancham o azul do céu. Esperanças desiludidas, as vítimas da canelada e da “febre-amarela” que por vezes chega mesmo ao rubro e das equipas castigadas com apitos arbitrários ou com golos oportunistas dos habituais espertos que jogam bem mas fora de jogo. Afinal também esta liturgia festiva mostra as suas limitações apontando para as carências do dia a dia banal. Enfim, vive-se de gozos precários mas sempre à procura da felicidade.

Também os políticos, com a sua táctica, procuram a proximidade do futebol e dos futebolistas num passe de jogo de alegria selecta baralhada na alegria popular espontânea. A política serve-se, louvando, instigando, comentando. Chama-lhe um figo em campanha da promoção. Neste momento todo o mundo é solidário, oprimidos e opressores cantam a mesma canção. O banho ocasional dos políticos nos sentimentos positivos do povo só traz vantagens além da certeza de serem citados nas notícias e mostrados no telejornal. O espectáculo torna o governo mais amado e o jugo esquecido. Desvia do dia a dia.

As elites das rasteiras têm mão no jogo e o jogo na mão! Em campo não há crise, todo o mundo joga e ganha. A guerra doce serve a globalização; contribui para a identidade da nação, alivia do saber que faz doer e serve a bolsa da promoção.

Para os críticos resta a demarcação de S. Mateus que dizia: “nem só de pão vive o Homem...”

De resto, a nação cumpriu a sua função: de trabalho e de distracção se faz a ração.

*2 de Julho de 2010
 António da Cunha Duarte Justo*

ALEMANHA - O MOTOR DA UNIÃO EUROPEIA EM DIFICULDADES
Abismo entre Pobres e Ricos cada vez maior na Europa
António Justo

Segundo um Estudo do Instituto Alemão para Investigação Económica (DIW) que acaba de sair, na Alemanha, cada vez há mais pobres e estes são cada vez mais pobres. Ao mesmo tempo aumentam os ricos e a classe média diminui. O estudo refere-se à média do vencimento mensal líquido, disponível por pessoa, no orçamento do agregado familiar.

O Estudo constata que de 2000 até 2009 a percentagem de pobres passou de 18 para 22% (cfr. SOEP, Berechnungen DIW) tendo o seu rendimento médio descido de 680 para 677 Euros por pessoa.

A percentagem dos ricos aumentou de 15,6 para 16,6% da população. Os ricos contam no seu orçamento familiar com 2.672 euros líquidos por pessoa.

A classe média de agregados familiares com vencimento médio passou de 64 para 61,5% da população. A classe média usufrui dum vencimento em média de 1.311 Euros por membro do agregado familiar.

Como orientação para a qualificação de pobre ou rico o DIW partiu da média do orçamento familiar single que é de 1.229Euros, isto é, ganha menos de 50% do que os ricos e mais do que 50% do que os pobres. Assim pobre é quem dispõe de menos de 70% daquela quantia (1229 euros), isto é, menos de 860 euros mensais. Rico é quem dispõe mais de 150% daquela quantia, isto é, mais de 1.844 euros por mês.

As medidas de poupança do governo, agora apresentadas, vêm aumentar os contrastes sociais poupando os ricos.

A classe média cada vez se encontra mais confrontada com o medo de descer para o grupo dos pobres. Um sistema que desestabiliza a classe média ameaça a estabilidade social.

A quem acompanha o desenvolvimento da sociedade alemã e dos países mais potentes da EU constata que os governos fomentam as empresas fortes com as poupanças efectuadas na classe média e pobre para aqueles poderem investir no estrangeiro em nome da globalização fomentando assim um turbo-liberalismo à custa da classe produtora.

A economia, depois da grande guerra, fomentou a imigração, trazendo os migrantes para as suas fábricas. O turbo-liberalismo, a partir do da introdução do Euro passou a mobilizar o capital para o estrangeiro investindo junto das potenciais massas consumidoras (principalmente na Ásia).

O sistema económico vigente deixou os países sós com os potenciais conflituosos de guetos de imigrantes e agora leva o dinheiro dos trabalhadores deixando atrás de si um vácuo com desemprego e uma crise catastrófica que irá provocar grandes convulsões sociais.

Uma economia irresponsável para com as pessoas e as nações não pode continuar a assegurar o seu futuro à custa da exploração do Homem e dos países menos desenvolvidos.

As pragas que acompanham o sistema económico são possibilitadas por um sistema político, que, à margem do cidadão e dos países, corre atrás do dinheiro baseando-se no pragmatismo egoísta.

*16 de Junho de 2010
 António da Cunha Duarte Justo
<http://antonio-justo.blogspot.com>*

Bolero de Ravel
Por Elizabeth Misciasci

Uma enorme poltrona de balanço num canto da sala, aonde ao repousar seu corpo cansado, alimentava a recordação de fatos passados. O imenso cômodo que alojava inúmeras peças de arte, naquele momento, tornava-se apenas um refúgio, que de forma aconchegante acolhia uma mulher e seus pensamentos. Com uma taça de Ca " Bianca Barolo nas mãos e impulsionando um balançar suave podia contemplar seus dias, observando a garoa fina que pela fresta da janela despia-se aos seus olhos.

Prevendo o fim daquele tempo, temendo adormecer, Ana, que só tocava Bolero de Ravel, ousou Chopin e retornou aos seus imperiosos pensamentos, lá estava um corpo e um coração, hospedados em um cobiçado vison Francês se delatando em fantasias.

Imbuída no tinto vinho que lhe adoçava o paladar, inclinou o olhar e passou a fitar diante de si um oculto ser, que lhe retirando a taça das mãos convideu-lhe a uma dança. Por onde entrou, pra onde iria, estava bem longe de um mérito a ser julgado, bem como, sem poder precisar se tratava de um imaginoso sonho ou emané fantasia, deixou-se levar.

Tentou desvendar quem seria o enigmático ser a acompanhá-la naquela estonteante aventura, mas fazendo-se nublada visão desistira apenas se permitindo.

As lembranças que a levaram no início da noite aquela poltrona de balanço, já se faziam fortuito passado e, entre gargalhadas rodopiava atrevendo-se a compor letra já sob a quinta sinfonia.

Eis que o soar insistente da campainha, forçava Ana a recobrar os sentidos. O perfume de grama molhada era substituído por um forte cheiro de álcool predominante por todo o ambiente.

Desperta com a presença de mais uma vizinha que chegava para visitá-la, defrontou-se com sua dura verdade. Naquela humilde cama, centralizada no quarto do barraco em que vivia, passou os dedos por cima da colcha de retalhos que lhe encobria do frio e pressentindo a presença mórbida e ao mesmo tempo perigosa do companheiro que embriagado dormia num colchão ao lado, chorou.

Ana havia "surtado"... - Agora, queria morrer!

QUISERA EU
Elizabeth Misciasci

Quisera eu,
Ter a sabedoria dos mestres,
Para entender o sentido
do que se faz Intangível
por conveniência e presunção...
Sendo apenas privilégio de poucos!

Quisera eu,
Ter o poder de aniquilar a desigualdade,
O preconceito, o desancar e o abandono,
que acompanha os miseráveis
impiedosamente desajudados.

Quisera eu,
Ter a supremacia,
para exterminar a luta armada
recomeçando do nada!
Resgatando tantas perdas
que a memória não perdoa...
Reescrevendo a história!

Quisera eu,
Ter a perseverança do Insigne,
que se torna altivo,
quando em desagravo não se omite...
Conscientiza e aplica!
Sendo o Mister
pra fazer e distribuir Justiça!

Quisera eu,
Ter o dom da envolvente palavra
que adoça e acalenta...
Sem a pugna desgastante
A desviar-me dos imorais conflitantes,
Extinguindo dores e desafetos.

Enfim...

Quisera eu,
Ter a perfeição da fala,
Fazendo me entender e se estender
com Excelsa Maestria.
E assim, agir em cada linha,...
em toda frase,
feito uma sublime magia
á resgatar o que se perde pela vida...
Transformando letras e versos,
Na mais pura poesia.

Todos os direitos autorais reservados à autora

ABSINTO
Elizabeth Misciasci

Fui além dos sonhos...
Caminhei em terra firme,
mas fiz do alto parada.
Plainei nas nuvens,
levitei em melodias...

Bradando aos quatro cantos
do Universo,
Pedi Paz...
Falei de amor...
... aos surdos de emoção!

Fui além dos segredos...
E selando laços,
silenciei!

Perpétuos serão os dias
que entre confidencias
estive perto!
Presente que de tão distante
fez parceria.

Cúmplice do fascínio
arrastei madrugadas...
Editei meu tablóide
recontei outros contos.
Entreguei o corpo e a fala aquém.

Dividi uma taça de vinho
e o cálice de absinto.

Amante,
provei lábios amargos...
Mas sem recusas,
deixei pousar os doces beijos
de outras bocas.

Fui além das palavras...
Resguardando a razão,
tornei abrasivo o poder de solver
as dores da alma.
Dei razão e guardada
ao desejo do querer...

Ardil permissiva
trocando sangue por mel,
deixei sugar até a última gota...

Fui além do olhar...
Que tantos poetas declamaram,
incitando o verter de lágrimas
não contidas e apaixonadas que derramei.

Sinfonia Abílio Pacheco

Por conta de crescente aperto nas finanças, pouco a pouco tiveram que se desfazer dos móveis e utensílios, a começar pelos menos essenciais. Até que venderam o piano de gabinete, que ocupava espaço, mas preenchia o tempo vão com ledos solfejos e suaves sustenidos.

No lugar, puseram uma mesa sem graça de madeirite a esgarçar-se. Nela, a pianista se punha como antes. Nos mesmos horários, deslizava os dedos – com a costumaz habilidade – pela superfície de teclas imaginárias. Inclinava a cabeça, fechava os olhos, balançava o corpo, às vezes cantarolava, mas na mesa não resvalava, tocava ou triscava.

Os demais da casa mantinham a mesma rotina. Punham-se calados ao chá ou café, ao tricô ou crochê, ou apenas folgavam deveras ao som do instrumento ausente.

Não custa que logo, logo, empolgada e distraída, a moça tocou mais forte o teclado. A melodia inebriou mais ainda os presentes. As notas trouxeram não sei que contentamento. Preencheu espaços da casa e transbordou pela confusa e incrédula vizinhança.

(In: Pacheco Abílio & Deurilene Sousa (org.) *Antologia Literária Cidade: poemas contos e crônicas – Volume III*. Belém: L&A Editora, 2009. pág. 12.)

Ouça a entrevista concedida a Cleiton Cesar durante o programa "O Liberal CBN Belém".

Falámos sobre o Prêmio Literacidade, sobre a Antologia Literária Cidade e sobre meu Mosaico Primevo.

Para ouvir a entrevista, acesse

<http://abiliopacheco.com.br/2010/06/17/entrevista-no-liberal-cbn-belem/>

Abílio Pacheco

Erínias Abílio Pacheco

Fatigado escrevo em transe
imerso em denso sono,
entre alaridos e vozes
e sob luzes vertiginantes.

Escrevo, mas só não basta!
Garatujo! Esgaravato
no táraro do tinteiro
o sono das trevosas Fúrias.

Tremo e temo, porém teimo.
Que perigos reservados
para quem avança em vão
na tarefa de acordá-las?

Entretanto, insisto: escrevo!
E elas, por meus esgaravos
soltam gritos ensurdantes
uvendo injúrias infames.

Aborrecidas e em garras
levantam-se as justiceiras
avançam-me sem retardo
e roubam-me de toda voz.

Tento ainda um verso à toa
mas, de mim despertas, dizem
que nenhum mortal como eu
tem direito de invocá-las.

In: Pacheco, Abílio. *Mosaico Primevo*. Belém: Ed. do autor. 2008. pág. 13-4.

Saudações Literárias,

Eis o convite para o lançamento da Antologia Literária Cidade - volumes IV, V e VI.

Dia: 02 de Setembro, de 18:00 às 21:00.

Local: Estande do Escritor Paraense durante a XIV Feira PanAmazônica do Livro em Belém.



NOTÍCIA

80º Aniversário do **CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DE PERNAMBUCO**
Durante o mês de Agosto

entrada gratuita

Informações: 81-3183-3400
www.conservatorio.pe.gov.br

21.Dez.2012**Uma nova era ou uma mistificação?**

Ao longo dos séculos o homem tem-se preocupado com o seu fim, com o fim do Mundo.

Está marcada dentro de nós essa preocupação que deriva da ânsia de procurarmos sempre um mundo melhor.

Actualmente, quer queiramos ou não, todos os nossos pensamentos se voltam para o dia **21.Dezembro.2012** e isto por causa do calendário Maia.

Na procura de trazermos o que de melhor há no conhecimento, trazemos hoje a si, caro leitor, uma parte do livro "**2012: A Era de Ouro**", escrito por Carlos Torres e Sueli Zanquim.

Este irá ser divulgado em alguns capítulos.

Desejo-lhes uma boa leitura

Victor Jerónimo

Director da Revista eisFluências

Os maias, como os egípcios, são descendentes diretos dos sobreviventes de Atlântida, mas sobre eles ainda sabemos muito pouco se comparado à grande quantidade de informação que esse fabuloso povo pode ter nos deixado. Não se sabe até hoje o motivo do desaparecimento repentino dos maias na América, eram centenas de milhares de habitantes vivendo em uma metrópole da época. Existem inúmeras teorias sobre esse desaparecimento em massa, mas nenhuma se aproxima de uma conclusão plausível. Particularmente, acreditamos que esse povo, em uma certa fase de seu desenvolvimento e merecimento, observou um processo de ascensão coletiva e seu desaparecimento repentino está totalmente relacionado a isso. Os segredos e as poucas escritas encontrados até hoje estão sendo decifrados pelos arqueólogos, principalmente no México. Os maias foram excepcionais astrônomos e mapearam as fases e os cursos de diversos corpos celestes, especialmente da Lua e de Vênus. Muitos de seus templos tinham janelas e miras demarcatórias (e outros aparelhos) para acompanhar e medir o progresso das rotas dos objetos observados no céu. Templos arredondados, quase sempre relacionados com Kukulcán, são observatórios celestes extraordinários. Em vários templos foram encontradas marcações de miras indicando que ali foram feitas observações astronómicas. O sistema de escrita maia (geralmente chamada hieroglífica por uma vaga semelhança com a escrita do antigo Egito) era uma combinação de símbolos fonéticos e ideogramas. É o único sistema de escrita do novo mundo pré-colombiano que podia representar completamente o idioma falado no mesmo grau de eficiência que o idioma escrito no velho mundo.

Livro diz que 2012 será o início da "Era de Ouro", e não o Apocalipse

Decifrar as escritas maias tem sido uma tarefa longa e trabalhosa, um processo árduo que exige muita dedicação dos estudiosos. Algumas partes foram decifradas no final do século XIX e início do século XX (em sua maioria, partes relacionadas com números, calendário e astronomia), mas os maiores avanços se fizeram nas décadas de 1960 e 1970, e se aceleraram daí em diante. Atualmente, a maioria dos textos maias pode ser lida quase por completo em seu idioma original. Lamentavelmente, os sacerdotes espanhóis, em sua luta pela conversão religiosa, ordenaram a queima de todos os livros maias logo após a conquista. Assim, a maioria das inscrições que sobreviveram é a que foi gravada em pedra; grande parte estava situada em cidades já abandonadas quando os espanhóis chegaram. Os livros maias normalmente tinham páginas semelhantes a um cartão, feitas de um tecido sobre o qual aplicavam uma película de cal branca e assim pintavam os caracteres e desenhavam suas ilustrações. Os cartões ou páginas atavam-se entre si pelas laterais de maneira a formar uma longa fita que era dobrada em ziguezague para guardar e, sempre que desejavam, eles desdobravam para a leitura. Atualmente restam apenas três desses livros e algumas outras páginas de um quarto. Frequentemente são encontrados, nas escavações arqueológicas, torrões retangulares de gesso que parecem ser restos do que fora um livro depois da decomposição do material orgânico.

Nosso conhecimento sobre os pensamentos maias representa somente uma minúscula fração do panorama completo que poderemos ainda descobrir, em vista dos milhares de livros que formaram toda a extensão do conhecimento maia e seus rituais.

A grande importância dada pelos maias à medição do tempo decorre da concepção do tempo e do espaço; em verdade, para eles, o tempo era uma só coisa, que flui não linearmente, como tratado na convenção europeia ocidental, mas sim circularmente, isto é, em ciclos repetitivos. O conceito chama-se Nájt e é representado graficamente por uma espiral. Os maias acreditavam que, conhecendo o passado e transportando as ocorrências para idêntico dia do ciclo futuro, os acontecimentos basicamente se repetiriam, podendo-se, assim, prever o futuro e exercer poder sobre ele por meio do presente.

Por essa razão, a adivinhação e a clarividência eram a mais importante função da religião dos maias. Tanto é assim que a palavra maia usada para designar seus sacerdotes tem origem na expressão "guardião dos dias".

Para os maias, a energia move-se desde o centro da Galáxia de Alcion, nas Pléiades, até o nosso Sol, que a irradiará para todo o Sistema Solar. A Lua, Vênus, Marte, Mercúrio principalmente e os outros planetas refletem para a Terra essa energia. A quantidade que refletem depende da localização deles nas suas órbitas em redor do Sol e da posição do nosso planeta. Essa energia regula desde as marés até as fases de crescimento de todas as coisas no planeta. Ela é aceita por todos os povos como a força vital, foi descrita por Parcelso e chamada de Evestrum. Os egípcios, por sua vez, a chamaram de Kal; os gregos, de Pneuma; os hebreus, de Ruan; os hindus, de Prana; os japoneses, de Ki; os Chineses, de Chi; e os maias, de Puah.

O calendário maia com ciclo equivalente a um ano solar era chamado Haab e tinha ordinariamente 18 meses de 20 dias cada; seu uso era mais afeto às atividades agrícolas, notadamente na prescrição das datas de plantio, colheita, tratos culturais e previsão dos fenômenos meteorológicos. Era o calendário das coisas e das plantas. Já o calendário Tzolk'in, que possuía 13 meses de 20 dias, com ciclo completo de 260 dias, era usado para as atividades religiosas. Em sua função se marcavam as cerimônias religiosas, fazia-se a adivinhação das pessoas e se encontravam as datas propícias para seus atos civis.

(continua no próximo número)

"As autorias das obras aqui presentes são de inteira e exclusiva responsabilidade dos seus autores e dos colaboradores que nos-las enviam para publicação, tal como a sua revisão literária.

A aderência, ou não, ao Novo Acordo Ortográfico, fica também ao critério dos autores."